

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

MONIQUE DE FÁTIMA PINTO

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ADULTOS: CONSTRUINDO
FUTURO, CONCRETIZANDO SONHOS.**

SÃO CRISTOVÃO-SE

2013

MONIQUE DE FÁTIMA PINTO

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ADULTOS: CONSTRUINDO
FUTURO, CONCRETIZANDO SONHOS.**

Monografia de conclusão de curso apresentada ao
Departamento de Educação da Universidade Federal de
Sergipe como requisito parcial à obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lianna Melo Torres

SÃO CRISTOVÃO-SE

2013

MONIQUE DE FÁTIMA PINTO

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DE ADULTOS: CONSTRUINDO
FUTURO, CONCRETIZANDO SONHOS.**

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra. Lianna de Melo Torres

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

Orientadora

Profª Dra. Marizete Lucini

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

Primeira Avaliadora

Profª Dra. Sônia Meire Santos Azevedo de Jesus

Universidade Federal de Sergipe – Departamento de Educação

Segunda Avaliadora

Dedico este trabalho a DEUS, aos meus pais, aos meus irmãos e sobrinhos, aos meus afilhados (Adrielly, Adrian e Marie Otacília) e demais familiares e amigos, dentre eles: tia Lúcia(1ª professora no maternal), a profª.Lianna Torres, a dinda Edilene Manguiera, Morgânia Prado, Simone Soares(amigas desde a 5ª série), Irene Maria e Rivaldo Xavier.

AGRADECIMENTOS

- Agradeço primeiro e infinitamente a DEUS, por estar ao meu lado a todo o momento me dando força, sabedoria e discernimento para que eu pudesse seguir e alcançar meus objetivos.
- Aos meus pais, Maria de Fátima e José Pinto, por serem meu alicerce, meu porto seguro, estando ao meu lado, me incentivando e mostrando o caminho a todo o momento.
- Aos meus familiares, sem exceção, que acreditaram, torceram e me acompanharam nessa incrível jornada.
- As amigas que conquistei ao longo da minha vida e dessa jornada, dentre elas: Ivanilde Pereira, Sheyla Mattos, Rosimeire Santos, Vanessa Martins, Susana Alves e Patrícia Tereza e Raquel Gomes
- A minha orientadora Lianna de Melo Torres, pela força, pela dedicação, compreensão, paciência e profissionalismo.
- A diretora do EMEF Gina Franco na época da pesquisa Nadja Cardoso e a prof^a.da turma Edilene Manguiera, a qual criamos um vínculo de amizade muito forte e hoje a chamo de madrinha.
- A turma do 1º e 2º ciclo da EJA e em especial as três alunas que se dispuseram e me concederam a entrevista, com certeza o alicerce, a base, o ponto chave na minha pesquisa.
- As professoras da banca examinadora Marizeti Lucini e Sônia Meire pela atenção e por ter feito parte dessa incrível jornada.
- Enfim, fica aqui meu muito obrigado a todos que me deram força e contribuíram direta ou indiretamente com essa vitória.

DEUS ABENÇÕE A TODOS!!!!!!!

O sonho pelo qual eu luto exige que eu invente em mim a coragem de lutar, ao lado da coragem de amar.

Paulo Freire

RESUMO

A presente monografia é resultado do projeto de pesquisa na disciplina monografia I. Este trabalho apresenta como objeto de estudo a EJA, cujo objetivo do estudo foi investigar os motivos que levam os alunos a não completarem o primeiro ciclo do ensino fundamental em idade própria e retornarem à escola depois de jovens e /ou adultos. As perguntas que guiaram o presente estudo foram: quais fatores ocasionam a desistência dessas pessoas da escola em idade própria? Quais dificuldades o jovem e o adulto enfrentam para freqüentar a escola regularmente? O que traz os educandos de volta a sala de aula? Busquei abordar a temática através de questionário, para caracterização do grupo pesquisado, observação direta da aula, e entrevista semi-estruturadas com os educandos. A partir da análise dos dados foi possível refletir sobre os fatores, que interferem significativamente na freqüência à escola e na continuidade dos estudos. Através do relato das experiências com as entrevistadas fica posto que é preciso respeitar as limitações impostas a esse grupo pela vida e pelo trabalho para que eles conseguiram ir além. Desse modo a EJA requer uma ação educativa que exige cuidados especiais no trato e nas intervenções dos gestores e dos professores. É preciso considerar o olhar dos educandos sobre a vida, a escola e o trabalho. Ainda que, para muitos, a EJA signifique oportunidade de desenvolvimento e valorização de si mesmo, é importante enfatizar que para eles não se constitui um tempo de preparação para a escolaridade futura ou seja que para outros educandos só tem o desejo de saber ler e escrever.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos, condições de vida, experiência escolar.

ABSTRACT

This monograph is the result of a research project on discipline monograph i. This work presents as object of study the EJA, whose objective of this study was to investigate the reasons that lead students to complete the first cycle of basic education in age and return to school after/ou adults and youth. The questions that guided the present study were: which factors cause the cancellation of these school-age persons own? What young person and adult difficulties facing for attend school regularly? What bring students back to the classroom? I sought to address the issue through a questionnaire, to characterization of the Group searched, direct observation, and semi-structured interview with learners. From the analysis of the data was possible to reflect on the factors, which interfere significantly in school attendance and in the continuity of studies. Through the account of experiences with the interviewed is given that you need to respect the limitations imposed on this group for life and for the work to which they were able to go beyond. Thereby the EJA requires an educational activity that requires special care in dealing with and in the speeches of the managers, teachers, we need to consider the look of the students about life, school and work. Although, for many, the EJA means opportunity of development and appreciation of yourself, it is important to emphasize that for them is not a time of preparation for future education or whatever to other students only have the desire to learn to read and write

.Keywords: Adult and youth education, living conditions, educational experience.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Sexo e faixa etária dos alunos pesquisados	28
Gráfico 2- Quantidade de pessoas residentes na casa	29
Gráfico 3- Renda familiar	30

LISTA DE QUADRO

QUADRO 1- Taxa de abandono escolar26

QUADRO 2- Motivos que levam os alunos a estudarem na EJA30

-

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO I	
ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA EJA NO BRASIL.....	16
CAPITULO II	
O CURRÍCULO DE EJA E EDUCAÇÃO POPULAR	20
CAPITULO III	
A EJA NA EMEF GINA FRANCO: ENTRE REALIDADE, DESEJOS E SONHOS.....	26
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS.....	38
APÊNDICE.....	41

INTRODUÇÃO

A escolha desse tema para minha pesquisa surgiu a partir de um estágio que realizei de 10 dias na EMEF Gina Franco. A partir dessa experiência, muito proveitosa por sinal, percebi que os alunos apresentavam algumas necessidades e dificuldades para concretizar os objetivos traçados por eles no que diz respeito tanto a aprender a ler e escrever, quanto a manter regularidade de frequência à escola.

Alguns alunos sentem necessidade dos estudos para o trabalho e até mesmo no seu dia-a-dia e para o seu bem estar. As dificuldades por eles encontradas são inúmeras, a começar pela falta de transporte para a maioria que são de povoados, mas que não impede esses educandos de sonhar com um futuro melhor.

A EMEF Gina Franco fica localizada na Rua João Bebe Água no centro da cidade de São Cristóvão, foi fundada em 31 de março de 1997 como escola da rede Sesi e municipalizada em 1999. Hoje atende a um total de 846 alunos, tem 40 professores, tendo sido avaliada pelo IDEB com 2.9 pontos.

A missão da escola está inspirada nos ideais da solidariedade humana e nos princípios de liberdade. De acordo com a direção atual a missão da escola visa ao pleno desenvolvimento do ser humano, preparando-o para o exercício de cidadania, através do crescimento integral do indivíduo e de sua participação na construção do bem comum.

De acordo com o seu regimento a escola tem como objetivo favorecer uma vivência coletiva, onde os valores da fraternidade, solidariedade e justiça sejam cultivados, contribuindo para o melhor relacionamento da escola com a família e com a comunidade. A concepção de EJA descrita é ofertar a educação de jovens e adultos através da adequação metodológica e curricular considerando as características culturais, sociais e econômicas do seu público.

A pesquisa inicial, de caráter exploratório “[...] visam proporcionar maior familiaridade com o problema, fenômeno ou fato, tornando-os mais explícitos ou construir hipóteses sobre eles”(GIL, 2008, P. 40). Na minha pesquisa a fase exploratória, de acordo com Gil (2008, p. 41), busquei cumprir o principal objetivo da pesquisa exploratória que é aprimorar as ideias sobre o problema de pesquisa.

Desse modo, frequentei inicialmente a EMEF Gina Franco e apliquei 22 questionários com os alunos do primeiro ciclo de EJA da escola que corresponde ao primeiro e segundo ano do ensino fundamental, além de consultar o regimento da escola. Segundo Lakatos e Marconi (2004, p. 201, apud UBIRAJARA, 2011, p. 118), o questionário é um importante instrumento de coleta de dados, composto por uma série de perguntas ordenadas para ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador. No caso dos sujeitos pesquisados, eu tive que ser o leitor e o escriba dos alunos uma vez que eles ainda não têm autonomia de leitura e de escrita.

Encontrei algumas dificuldades para a aplicação dos questionários, uma vez que eles faltam muito. Há uma opinião geral de que a maioria dos educandos falta porque são residentes no interior do município e estão encontrando dificuldade de transporte, porque o transporte não entra nos povoados.

No primeiro encontro consegui preencher 13 questionários, porém no dia seguinte não houve aula em virtude de um bingo em comemoração ao dia das mães. Voltei à escola na semana seguinte e consegui fazer mais dois, uma vez que dos 15 que compareceram à aula naquele dia 13 já haviam respondido o questionário. Na semana seguinte consegui completar os sete que faltavam totalizando 22 questionários respondidos. Na verdade são 26 alunos matriculados no 1º ciclo da EJA no EMEF Gina Franco, porém 4 alunos não apareceram durante a aplicação do questionário. Durante esse tempo, entre o preenchimento de um questionário e outro, exerci o meu papel de observador participante, conversando, perguntando sobre questões que são objeto desse estudo.

Não só a literatura da Educação de Jovens e Adultos, quanto na observação prática, existe um índice relevante de desistências. Os trabalhos indicam (Kohl, 1999; Ribeiro, 1996) que a falta de estímulos por parte dos educandos para se chegar a um conhecimento mais profundo e construir o ensino produtivo, é muito mais a falta de um currículo próprio e de um educador qualificado para trabalhar com jovens e adultos do que a falta de capacidade do aluno em compreender o conteúdo dado.

No entanto, a minha hipótese é de que antes dos aspectos pedagógicos, a EJA no Brasil é desprovida de compromisso por parte dos nossos governantes, das reformulações necessárias para prover as reais necessidades do aluno, portanto o

objetivo da minha pesquisa é **descobrir quais aspectos podem ser considerados determinantes para que o aluno de EJA retorne à escola depois de jovem e /ou adulto tendo freqüentado a escola ou não em idade própria.**

As perguntas que guiaram o presente estudo foram: quais fatores ocasionam a desistência dessas pessoas da escola em idade própria? Quais dificuldades o jovem e o adulto enfrentam para freqüentar a escola regularmente? O que traz os educandos de volta a sala de aula?

A metodologia escolhida foi o estudo de caso, que se caracteriza como uma metodologia de pesquisa qualitativa de caráter descritivo. De acordo com Ubirajara (2011, p. 117), as pesquisas descritivas “[...] objetivam a descrição de características de determinada população ou fenômeno, estabelecendo uma relação entre as variáveis.” Desse modo, o presente trabalho acadêmico é de caráter exploratório porque há um campo pouco explorado sobre o assunto abordado; é descritivo, uma vez que busca descrever as características, vantagens e desvantagens sem que o pesquisador emita uma avaliação explícita.

No caso desse trabalho, o estudo caracteriza-se também como pesquisa de campo, pois os dados coletados foram obtidos na instituição, local onde foi realizado o estágio, onde fui construindo a situação-problema. Após a aplicação do questionário e tabulação dos dados, com base na observação, decidi recompor a história da vida escolar de três educandas. O critério de escolha ficou condicionado pela disponibilidade das pessoas, assim foram sujeitos da pesquisa, duas pessoas que haviam freqüentado escola em idade própria e abandonado antes de concluir o primeiro ciclo do ensino fundamental e a outra de idade mais avançada que não teve a oportunidade de estudar quando criança.

Como objeto de estudo acadêmico o meu problema de pesquisa ainda é algo considerado de segunda ordem. De acordo com Brandão (1984),

São iniciativas ‘particulares’ que pesquisador algum quer estudar, porque parece mais objeto de piada do que de preocupação científica. No entanto, não só são eles os que desde há muitos anos recrutam regularmente a maior parte dos alunos populares esperançosos de uma rápida profissionalização, como são aqueles que, de maneira mais agressiva, observam os princípios da propaganda capitalista e

formulam promessas de uma "vida Feliz"(p.30)

O autor se refere a um objeto de pesquisa irrelevante do ponto de vista acadêmico, mas considero importante que seja estudado para que a situação da EJA possa ser transformada. Por conta disso é que eu pretendo estudar, esse foi o meu foco de pesquisa e eu tenho certeza que todo e qualquer educador responsável e que se interesse pelo desenvolvimento social, ele não só deve ter a ilusão de ser um agente transformador, como também deve procurar sempre realizar um trabalho coletivo e organizado em conjunto com o povo, tendo como ponto de partida a realidade do oprimido, na tentativa de contribuir com a formação de cada cidadão.

O processo de recomposição da história de vida escolar foi realizado através de entrevista. De acordo com Lakatos e Marconi (2004, p. 201, apud UBIRAJARA, 2011, p. 118), a entrevista é um “[...] encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.” Os sujeitos da pesquisa foram entrevistados através de um roteiro de perguntas semi-estruturadas, visando facilitar a concentração do pesquisador no objetivo principal da entrevista e obter uma quantidade maior de informações, preservando ao entrevistado o direito de expressar, espontaneamente, suas opiniões e percepções.

O trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro, busquei reconstruir alguns elementos históricos sobre a construção da EJA no Brasil, no segundo fiz uma discussão sobre currículo de EJA, uma vez que é nesse debate que também se encontram motivos da evasão e no terceiro trabalho sobre os dados da pesquisa analisando à luz dos fundamentos teóricos estudados.

CAPÍTULO I

ELEMENTOS DA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA EJA NO BRASIL

A Educação de Jovens e Adultos ao longo desses anos passou por várias mudanças. Até hoje a luta dos trabalhadores é por melhorias nas condições de ensino, eles reconhecem a necessidade de lutar pelos seus direitos.

Pierro (2001) ao traçar um histórico da EJA, traz uma importante discussão sobre os desafios futuros e o papel da educação de adultos, principalmente através da redução do analfabetismo. Os educadores têm a obrigação não só de conhecer a história da educação no que diz respeito aos mecanismos da dominação cultural, econômica, social e política.

Somente a partir de 1940 as autoridades começaram a se preocupar com a situação do analfabetismo no Brasil e começaram a criar alguns programas educacionais.

No Brasil, a educação de adultos se constitui como tema de política educacional, sobretudo a partir dos anos 40. A menção à necessidade de oferecer educação aos adultos já aparecia em textos normativos anteriores, como na pouco duradoura Constituição de 1934, mas é na década seguinte que começaria a tomar corpo, em iniciativas concretas, preocupação de oferecer os benefícios da escolarização a amplas camadas da população até então excluídas da escola.(PIERRO, 2001. p.59).

Nos anos 1950, Paulo Freire surge com uma pedagogia que se vinculava à ação política, nasce numa expectativa de mudança, porém foi desarticulada pela Ditadura Militar. O MOBREAL foi então criado,

A partir de 1969, o governo federal organizou o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização), um programa de proporções nacionais, proclamadamente voltado a oferecer alfabetização a amplas parcelas de adultos analfabetos nas mais variadas localidades do país.(PIERRO, 2001. p.61)

A campanha do MOBREAL tinha como foco ofuscar as pedagogias populares de educação de adultos, descaracterizando os aspectos revolucionários do método de Paulo Freire, adotando simplesmente o La-le-li-lo-lu, destituído da luta.

O MOBRAL englobava vários programas: Programa de Alfabetização Funcional; Programa de Educação Integrada; Programa MOBRAL Cultural; Programa de Profissionalização; Programa de Educação Comunitária Para a Saúde; Programa de Diversificação de Ação Comunitária; Programa de Autodidatismo. Segundo Corrêa (1979, p. 152), o Programa de Alfabetização Funcional apresentava seis objetivos de desenvolver nos alunos as habilidades de leitura, escrita e contagem; facilitar a resolução de seus problemas e os de sua comunidade; formar hábitos e atitudes positivas, em relação ao trabalho; melhorar as condições de vida; ter participação comunitária; conservação da saúde e melhoria das condições de higiene pessoal, familiar e da comunidade; manutenção e melhoria dos serviços públicos de sua comunidade e na conservação dos bens e instituições.

Logo, observar-se que a preocupação tácita nos objetivos específicos é a de através da aquisição da leitura e da escrita a pessoa possa resolver os problemas da comunidade, cuidar da manutenção e melhoria dos serviços públicos. Nota-se uma tentativa de repasse de responsabilidades e enquadramento do ser humano com vistas ao seu desenvolvimento e da sua comunidade apoiado apenas na aquisição da habilidade de leitura e escrita. Além de ser algo irreal pensar que o processo de alfabetização teria esse poder de mobilizar os sujeitos, o MOBRAL não foi capaz de erradicar o analfabetismo entre os brasileiros, fazendo com que o programa fosse desvalorizado.

De acordo com alguns estudiosos que abordam sobre o MOBRAL, criticam esse programa por ter durado 15 anos sem ter cumprido a sua função, por isso alguns autores afirmam que o MOBRAL foi um dos maiores fracassos educacionais da história do Brasil, visto que, diplomou somente 15 milhões dos 40 milhões de brasileiros que passaram pelas suas salas de aula, que corresponde a dedução de apenas 2,7% do índice de analfabetismo no país¹.

Nos anos 1990, com a queda da Ditadura e a recondução das liberdades democráticas com a eleição e posse de Fernando Collor, foi extinto o MOBRAL e criada a Fundação Educar em 6 de fevereiro de 1986, que também teve pouco tempo de

¹Horiguti e Menegotto, 2009. Texto acessado no site http://bento.ifrs.edu.br/site/midias/arquivos/201051103752984angela_curcio_horiguti%E2%80%A6.pdf. Acesso em 11 de setembro de 2013.

existência, substituído pelo MEC pelo Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania em 11 de setembro de 1990.

Em 1996 a Emenda 14 da LDB 9394/96 da Constituição fez com que o ensino fundamental não fosse mais obrigatório para jovens e adultos. Transformou a EJA em uma modalidade à parte do Ensino Regular tanto em sua estrutura, quanto em relação à metodologia e duração do curso.

O artigo 12 da LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) 9394/96, diz: “Os estabelecimentos de ensino respeitando as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica.” Nesse artigo a Lei dá autonomia às instituições de ensino na elaboração da própria identidade. O Projeto Político Pedagógico é o referencial das escolas, ou seja, é considerado um marco de avanço da Lei maior da educação brasileira, conferir autonomia à escola para que a mesma possa construir projetos conforme suas necessidades.

A EJA a partir da LDB 9394/96 passa a atender tanto ao nível fundamental, quanto ao nível médio, propondo que as ações de EJA aconteçam integradas com o mundo do trabalho, visando diversas formações, qualificação profissional, desenvolvimento e até uma possível formação política, porém não é isso que vemos. Gadotti e Romão (2010, p. 43) ressaltam que a LDB (Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional) estabelece:

Art. 208 – O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria;

VI – oferta de ensino noturno regular, adequado às condições do educando;

VII – atendimento ao educando, no ensino fundamental, através de programas suplementares e assistência à saúde.

Surgiu também em 1989 em São Paulo durante a gestão de Paulo Freire na secretaria de educação de São Paulo o Movimento de Alfabetização (Mova), com uma proposta que reunia [Estado](#) e entidades, para combater o [analfabetismo](#) entre jovens e adultos. Essa proposta, inspirada no “método Paulo Freire” procurava trabalhar didaticamente uma maneira mais compreensiva e acessível aos educandos levando a

sala de aula à realidade do dia a dia, fazendo com que as pessoas envolvidas participassem interagindo e facilitando a aprendizagem, porém não teve de forma alguma auxílio do governo federal passando assim por vários apertos, mas não deixou de se estender aos educandos.

Somente em 1996, surge novamente um programa nacional de alfabetização promovido pelo governo federal, o Programa Alfabetização Solidária (PAS). No entanto, não teve muito êxito e foi comparado aos métodos de alfabetização dos anos 40, deixando muito a desejar.

Em 1997 o Brasil se alia à Comunidade Solidária, um movimento instalado na América Latina para atender as demandas do Estado em parceria com ONGs, assim é criado o Programa de Alfabetização Solidária. No entanto, o programa acaba negando o direito de ter escolarização ao conjunto de jovens e adultos analfabetos, por se tratar de um “modelo filantrópico de doação de dinheiro para causas nobres, sejam empresários ou pessoas físicas. Isso atenta contra a educação dos adultos considerada como direito, questão apenas incorporada na Constituição de 1988”².

Em 1998, surge o Pronera (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), para atender a reivindicação dos movimentos sociais do campo em relação à inclusão dos assentados na escolarização básica. O principal objetivo do programa era atender às populações situadas nas áreas de assentamento com ações na EJA e capacitação de professores para as escolas dos assentamentos e técnicos para a reforma agrária.

Em 2003, o governo federal lançou o Programa Brasil Alfabetizado, prevendo erradicar o analfabetismo em 4 anos, mas mesmo assim o índice de analfabetismo continua alto (13%) de acordo com o último censo (IBGE/ Censo, 2010). Há uma dificuldade de medir o grau de competência em leitura e escrita das pessoas que fizeram parte dessas campanhas educacionais. No entanto é possível dizer que a evasão é um fenômeno comum em todas essas experiências.

²<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT18-2586--Int.pdf>. Acesso em 09/09/2013

De 2003 para cá, foram poucos os avanços alcançados na política oficial de alfabetização de jovens e adultos, apesar da constatação de uma diminuição no percentual de analfabetos e ainda do esforço de algum movimento de base, que além de ensinar buscam tornar significativa a aprendizagem, ainda são 16 milhões de pessoas de 15 anos ou mais, que se encontram na condição de analfabetos (IBGE/Censo, 2010)

Capítulo II

Currículo de EJA e a educação popular

A EJA deveria ter como princípio prático a educação para a vida, procurando desenvolver o potencial criativo de cada indivíduo associando o que é ensinado à vontade de aprender. Por isso todo trabalho desenvolvido na EJA, segundo Kohl (1999) deveria procurar desenvolver conhecimentos práticos no contexto da alfabetização buscando integrar as diferentes idéias, socializando as opiniões, buscando uma aprendizagem onde todos possam ser valorizados, mesmo porque, muitas vezes, jovens e adultos ficam envergonhados de voltar a uma sala de aula, por não se julgarem capazes ou simplesmente, por achar que escola é lugar de crianças.

Desde a Primeira Guerra Mundial, (1914-1918), a educação popular surge como um movimento que empreende uma luta ampla em favor de educação para todos. Defendia o espírito de cidadania e o desenvolvimento das habilidades dos adultos referenciados numa teoria do conhecimento com base na realidade, com metodologias incentivadoras à participação social, onde o próprio indivíduo excluído deve estar apto a buscar aquilo que lhe é de direito. Afinal, os adultos estão inseridos na sociedade, muitas vezes de forma passiva, excluídos e considerados como analfabetos funcionais.

A educação popular se origina na realidade do oprimido, a partir de uma metodologia própria e trabalhos pedagógicos diferenciados, buscando construir cidadania, tendo como finalidade a compreensão da vida de forma crítica e ativa. Através de um processo de reflexão com os adultos que é em geral o público da EJA, pode ser possível garantir a presença regular de crianças pobres ou de meio rural na escola, ou seja, se os pais saem da condição de baixa escolarização, aumenta o interesse da família em que seus filhos permaneçam na escola.

Brandão (1984,p.21)se refere a duas formas de educação popular: a primitiva e a atual. De acordo com o autor a primeira se expressa através de iniciativas de campanhas de alfabetização filantrópicas, governamentais ou confessionais. O objetivo desse tipo de iniciativa é o ensino complementar de emergência, a exemplo dos cursos supletivos e cursos técnicos profissionalizantes que visam criar mão de obra semi-analfabeta treinada em um ofício. A esse respeito Pierro (2001), assim se refere:

Mais do que uma “escola nova”, voltada a um novo público, antes não atendido pela escola básica insuficiente, a educação supletiva converteu-se também em mecanismos de “aceleração” de estudos para adolescentes e jovens com baixo desempenho na escola regular. (Grifos da autora, p.64)

A segunda dirige seus programas a grupos sociais e suas comunidades, com o objetivo de resgatar a o processo de escolarização dos adultos visando não só o desenvolvimento socioeconômico, mas também e, principalmente, o desenvolvimento comunitário, através do que se conhece como educação de base, ou educação popular. Para o autor o verdadeiro sentido da educação popular é a aquela que se realiza com e pelo povo.

Primeiro a idéia de que os verdadeiros valores para o povo são os seus próprios valores, a partir de seus modos próprios de viver e explicar a vida. Segundo, a idéia de que este saber que existe como valor da cultura do povo, ou como a sua ideologia, no estado em que está por causa da posição subalterna que sujeitos e grupos dominados na sociedade desigual (BRANDÃO, 1984, p. 55).

Desse modo, o problema do analfabetismo de adulto ganha contornos políticos, de maneira que cada forma de educação de adultos é permeada por intenções políticas, ora preocupados com aumento do número de votos, ora preocupado com a conscientização política. No meu entendimento, as duas formas deveriam fundir-se em uma, para isso o educador não só precisaria estar mais bem qualificado para a EJA, como também ter mais condições de trabalho. O professor que não tem boas condições de trabalho nem materiais pedagógicos de qualidade apropriada para os adultos em quantidade suficiente estará impedido de exercer sua função, respeitando seus educandos. Esse é um desafio a superar, como estimular educadores e educandos que trabalham contra analfabetismo?

O grande desafio que educação hoje se coloca diante da sociedade é garantir ensino de qualidade para o público adulto, com competência buscando soluções para os problemas reais da EJA considerando a realidade de vida e de trabalho do seu público. É grande a responsabilidade das escolas públicas, uma vez que recebe a classes trabalhadoras, com todas as dificuldades que lhe são próprias, sem levar em consideração a relação que esse público teve ou têm com a escola. A escola pública precisa entrar em conexão com esse público, sob pena de não cumprir com a sua função social.

Nesse sentido, a educação popular tem muito a contribuir, porque vem desse processo a idéia de que a aprendizagem deve ser vivida de forma significativa, possibilitando o desenvolvimento e a autonomia e respeitando as diferenças, propondo assim valorizar o ser humano destacando a importância no princípio do respeito à dignidade e direitos considerados nas suas diferenças individuais sociais econômicas, de um futuro bem melhor, oferecendo a esses educandos a oportunidade de se expressar e relatar suas experiências onde eles mesmos possam se descobrir, ajudando assim a esses indivíduos a ter o direito a sonhar com um futuro digno, é necessário que o educador leve em consideração o conhecimento de seus alunos e faça uma relação com o seu dia a dia tornando a aprendizagem mais interessante.

A EJA deveria levar em conta os processos de conscientização e os conflitos de jovens e adultos, possibilitando tratar a educação como um instrumento de construção da cidadania e de uma cultura participativa, onde todos compartilhem seus conhecimentos e se sintam parte de uma sociedade como um todo. Essa modalidade de ensino reflete posições quer de conservação, quer de transformação social. Assim, pressupõe-se que um ensino participativo como um dos construtos que contribui para o exercício da democracia, mas que também abre oportunidade para inovação e mudanças.

A educação de adultos no Brasil assume uma dimensão própria devido à relação com indivíduos que possuem essas características e que, por isso mesmo, merecem respeito, pois a educação deveria servir para a realização da convivência e de trocas entre diferentes culturas. É preciso deixar o preconceito de lado e trabalhar para que os alunos adultos possam buscar novos horizontes, explorar e expressar seus conhecimentos, buscar novos saberes, permitindo assim uma visão global e abrangente da sociedade, como consequência de uma ação articulada, dinâmica e participativa do processo educacional.

A EJA constitui-se por maioria das vezes por uma população considerada marginalizada, da zona rural ou urbana ou populações discriminadas, menos favorecidas, ou pessoas de mais idade que não tiveram a oportunidade de estudar quando criança. Tanto no campo quanto na cidade o educando adulto é um trabalhador. Dessa forma, os alunos acabam se sentindo inferiores, o que muitas vezes ocasionam a exclusão, por isso, as concepções pedagógicas de EJA devem proporcionar uma melhoria no processo de

aprendizagem dos alunos, como também solucionar outros problemas educacionais, como a centralização do poder e o não engajamento na comunidade escolar.

A vida expressa à luta silenciosa dos trabalhadores, por isso é de grande importância perceber a eficácia e a necessidade da organização e da troca de informações entre os próprios trabalhadores, a escola depende muito das experiências subjetivas das pessoas e de suas interações sociais, ou seja, dos significados que as pessoas dão às coisas enquanto significados socialmente produzidos, com isso a participação de professores é muito importante, espera-se aumentar a eficácia trazendo benefícios para a educação dos alunos, levando assim o conhecimento mútuo, proporcionando melhora na qualidade do ensino dentro e fora da escola.

Os educandos de EJA em sua grande maioria precisam de maior atenção, é importante buscar compreender os aspectos de vida de cada um e a partir daí oferecer ferramentas de aprendizagem adequadas e motivadoras. É necessário que haja uma mudança na mentalidade de todos, deixando de lado os preconceitos, escola precisa preparar o indivíduo para a autonomia pessoal, para o engajamento na comunidade e para a liberdade social.

Essa iniciativa seria coerente à tentativa de caracterizar os contextos em que a EJA precisa ser trabalhada, como uma estratégia de construção da participação popular para o redirecionamento da vida social objetivando trabalhar suas próprias necessidades em instituições sócio-educativas, dando oportunidade à qualificações, saberes e conhecimentos.

Desse ponto de vista, a Educação de Jovens e Adultos estaria dirigida para as pessoas que buscam ter o direito de uma vida mais digna, com perspectiva de construir um Brasil de mudanças positivas, possibilitando a participação de diversos segmentos para compartilhar o processo de tomadas de decisões. No entanto, para que essa mudança realmente aconteça, é necessária conscientização, a inclusão escolar em conjunto das políticas públicas para oportunizar as pessoas a ter uma educação de qualidade, levando a escolarização a todos os segmentos da sociedade. E para que haja uma interação entre o conhecimento a ser construído e os conhecimentos prévios dos educandos, visando assim maior aproximação da população e de certa forma o desenvolvimento comunitário. O diálogo nesse caso é uma ferramenta muito eficaz, melhorando a participação e influenciando no sucesso da qualidade de ensino, pois os

alunos se sentem importantes e valorizados pela contribuição nos trabalhos da escola.

De acordo com Marta Kohl (1999) a escola deve conceber a EJA como um momento de aperfeiçoamento de estudos, proporcionando ao indivíduo a melhora da posição relativa do grupo ao qual pertence. Há uma trajetória de lutas e conquistas na vida desses indivíduos e os educandos de EJA ao chegarem à sala de aula, buscam novos conhecimentos e a capacidade de avançar na construção de novos desafios e na sua transformação social. Para Kohl (1999) a educação é o processo pelo qual a sociedade forma seus membros em função de seus interesses, por isso é preciso que a escola conheça e reflita sobre os diferentes aspectos envolvidos no desenvolvimento de seu aluno, na tentativa de oferecer uma educação que venha atender, de fato, às necessidades do indivíduo, principalmente superar o processo de evasão.

Na educação pública a evasão é um fenômeno recorrente, por isso é preciso pensar em como fazer para evitar, pois, infelizmente, o histórico do Brasil possui um alto índice de evasão dos estudantes do EJA. De acordo com dados da PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (2007), dos oito milhões de indivíduos que frequentaram o curso até 2006, 42,7% não chegaram a concluir. A educação de jovens e adultos, no ensino noturno público, deveria ser uma educação capaz de trazer o trabalho para sala de aula como princípio educativo, porém o que acontece é que a própria estrutura escolar e o trabalho dos professores se interessam muito pouco em estabelecer essa ponte.

Observe a tabela abaixo com o índice de evasão dos alunos do EJA:

TAXA DE ABANDONO ESCOLAR	
Período	Percentual %
2007	24,8
2008	24,6
2009	20,6
2010	20,2

Fonte: MEC/INEP/Censo Escolar (2011).

A Educação de Jovens e Adultos vem sendo desenvolvida dentro ou fora da instituição de ensino, com ou sem o apoio do poder público, no entanto é possível questionar se são respeitadas as diferenças culturais e de conhecimentos prévios dos alunos. Apresenta-se como um processo de atitudes afirmativas públicas no sentido de inserir, no contexto social mais amplo, todos aqueles grupos ou populações marginalizados historicamente, incluindo os indivíduos no processo ensino/aprendizagem.

O tema da exclusão escolar é bastante proeminente na literatura sobre educação, especialmente no que diz respeito a aspectos sociológicos- relações entre escola e sociedade, direito à educação, educação e cidadania, escola, trabalho e classe social - e aspectos pedagógicos ou psicopedagógicos - fracasso escolar, evasão e repetência, práticas de avaliação [a situação de exclusão contribui para delinear a especificidade dos jovens e adultos como sujeitos de aprendizagem]. (KOHL, 1999, p.61).

Há uma necessidade de inclusão, de valorização a muitos indivíduos que se sentem esquecidos.

Refletir sobre como esses jovens e adultos pensam e aprendem envolve, por tanto, transitar pelo menos por três campos que contribuem para a definição de seu lugar social: a condição de “não criança”, a condição de excluídos da escola e a condição de membros de determinados grupos culturais (KOHL, 1999,p.60).

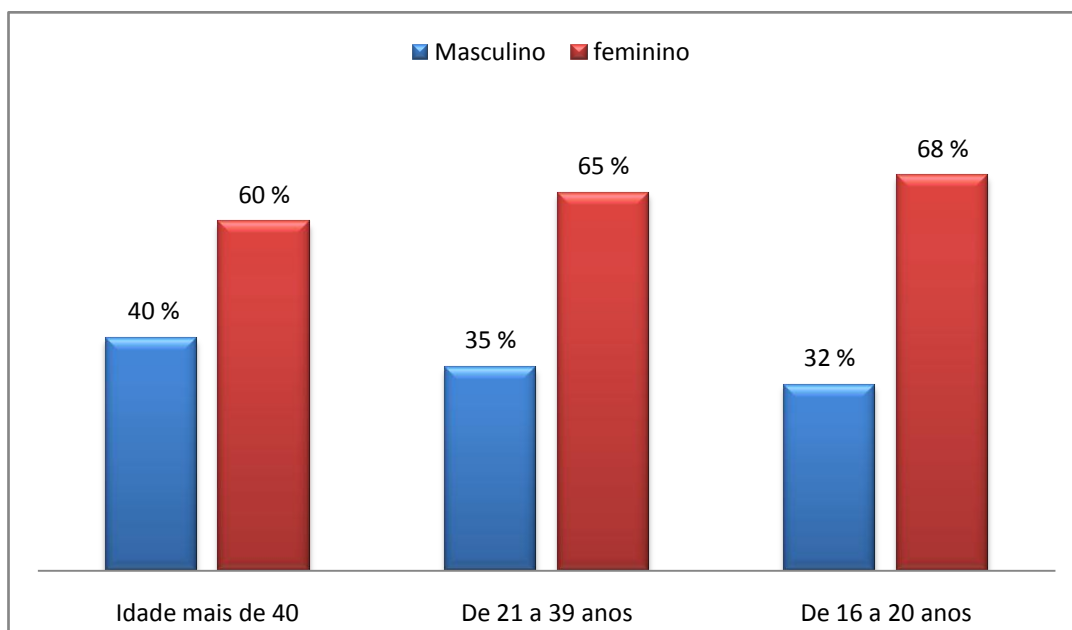
A Educação de Jovens e Adultos deve contribuir firmemente para que a aprendizagem seja intensa e prazerosa e para isso as escolas devem fornecer elementos para enriquecer esse processo, propiciando a intercomunicação preparando o educando para a realidade e dando oportunidade para que eles se desenvolvam e se sintam incluídos e capazes de transformar seus conhecimentos em novos desafios, instigando a interação e o interesse de todos.

CAPÍTULO III

A EJA na EMEF Gina Franco: entre realidade, desejos e sonhos

A classe de EJA pesquisada possui 26 alunos matriculados no 1º ciclo da EJA na EMEF Gina Franco

Gráfico 1– Sexo e faixa etária dos alunos pesquisados



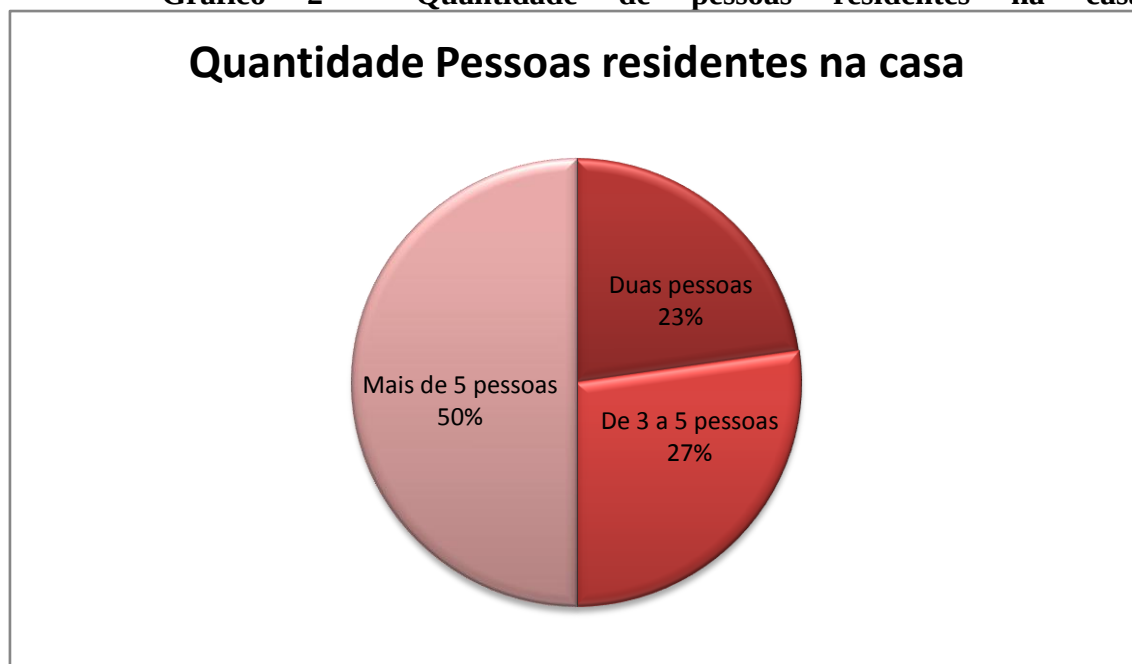
No que diz respeito à faixa etária a maioria dos que responderam o questionário estão na faixa dos 16 a 20 anos e são mulheres. O percentual de mais mulheres do que homens se repetem nas demais faixas etárias, ou seja, de 21 a 39 anos 65% são do sexo feminino, inclusive na faixa de mais de 40 anos 60% são mulheres. O analfabetismo é um dos exemplos mais graves de exclusão educacional e social. Se considerarmos o acesso à educação formal como a possibilidade de ter contato com o conhecimento científico, o problema do analfabetismo atinge principalmente as populações do sexo feminino, e os residentes nas áreas rurais.

Mais da metade dos alunos estão na faixa entre 16 e 20 anos e são do sexo feminino. As mulheres são predominantes na sala de aula e a maioria se dedica à educação dos filhos e aos afazeres diários de sua casa. Esse o dado contribui para que elas digam que não tem tempo para estudar. Como essa escola foi também campo de estágio outro fator que chamou a atenção foi que a maioria depende de transporte

escolar para frequentar as aulas e que, devido a irregularidade do transporte muitos acabam desistindo de estudar.

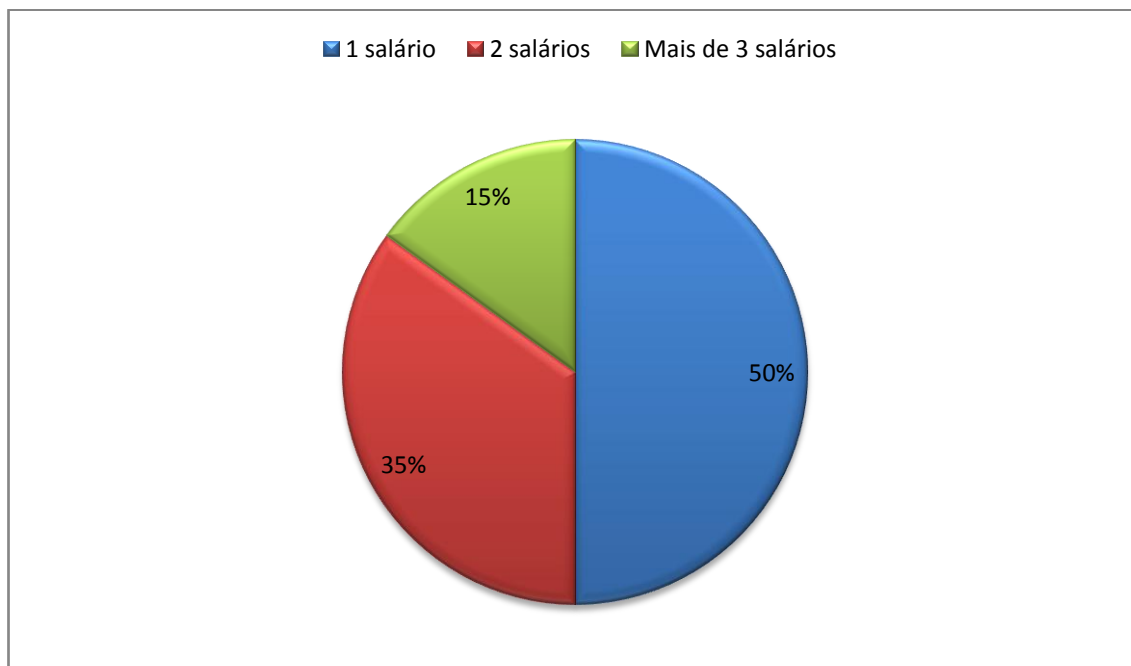
Por esse público ser jovem e ter responsabilidade com filhos e com a casa esperam-se que eles tenham com quem contar para ir à escola. O gráfico abaixo demonstra a quantidade de pessoas que reside na mesma casa.

Gráfico 2 - Quantidade de pessoas residentes na casa



Apesar do número de pessoas residentes em casa, é fato que quase sempre os jovens ou adultos não podem contar com essas pessoas para que se torne possível a frequência regular às aulas, uma vez que é de responsabilidade do estudante o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos.

De acordo com o gráfico abaixo, foi possível constatar que a maioria dos alunos do EJA recebe baixa remuneração salarial nas empresas ou trabalham em empregos informais. Pode-se perceber que 50% dos alunos têm renda igual ou inferior ao salário mínimo, 35% dos alunos recebem dois salários mínimos e apenas 15% dos alunos tem renda acima de três salários.

Gráfico 3–Renda familiar

A combinação de baixa escolarização com baixa renda produz um ciclo vicioso fazendo com que esse grupo de estudantes, apesar de estarem sempre buscando se qualificar e adquirir conhecimentos para poder realizar seus sonhos ou para dar um pouco de conforto para a família e melhorar a renda familiar, acabam ficando somente com o conhecimento das primeiras letras.

Durante a pesquisa foi perguntado aos alunos sobre qual era o motivo que os levaram a estudar na EJA e o resultado foi surpreendente, uma vez que apesar de 30% dos entrevistados responderem que queriam atualizar seus conhecimentos, havia um sentimento de preocupação com a casa, os filhos, inclusive a possibilidade de ter que desistir da escola por causa disso. Outro fator que os leva de volta à escola é o trabalho, 28% informaram que era pela necessidade imposta pelo emprego. Um grupo menor, ou seja, 5% responderam que devido a sucessivas reprovações achavam muito improvável alcançar o ensino médio, embora 37% responderam que queriam terminar os estudos, como demonstra o quadro abaixo.

Quadro 2: Motivos que levam os alunos a estudarem na EJA

Alternativa	Descrição	Quantidade Total (%)
A	Atualização do conhecimento	30%
B	Necessidade imposta pelo emprego	28%
C	Sucessivas reprovações no ensino diurno	5%
D	Vontade de concluir os estudos	37%

Os jovens e adultos entrevistados deixam de estudar para trabalhar ou cuidar dos filhos e ao passar dos anos voltam à escola com o intuito de aprender a ler e escrever, no desejo de aprender sempre mais e mais tarde ser reconhecido socialmente. A educação para eles é vista como um fator determinante para o desenvolvimento, fortalecimento e valorização de cada um.

Com as observações que fiz na classe, percebi que as dificuldades vão desde o transporte à baixa estima, já que alguns se julgam incapazes de aprender. Alguns encontram muita dificuldade na leitura e escrita, e apesar de serem auxiliados pela professora, não conseguem acompanhar as atividades. Algumas vezes a professora copia para o aluno ou passa atividades diferenciadas para que ele tenha uma melhor compreensão.

Numa mesma classe há alunos do 1º e 2º ciclo juntos, os alunos são unidos, existe uma boa relação aluno/aluno e aluno/ prof./e prof./aluno. A maioria é solteiro/a.

Quando perguntado se estavam na escola pela primeira vez, 10 não responderam apenas três disseram que era a primeira vez que frequentavam a escola. O que me leva a acreditar que há um constrangimento em admitir que em algum momento das suas vidas já frequentaram a escola. Por que esse constrangimento, eles se sentem envergonhados de não ter permanecido na escola, de não ter conseguido se alfabetizar em idade própria?

Ao serem questionados sobre porque deixam de estudar uns disseram que foi filhos, outros trabalhos e outros 11 não opinaram. Ao mesmo tempo em que a grande maioria disse que voltou à escola para aprender mais, por força de vontade, alguns hesitaram em responder. Quando questionados sobre o que mais gostam na escola, eles responderam que gostam de estudar. Apesar das dificuldades todos dizem que pretendem concluir o ensino fundamental.

Após o levantamento de dados e tabulação dos questionários passamos a identificar casos significativos para serem estudados. O critério para a escolha dos casos foi dois alunos que tiveram oportunidade de estudar em idade própria e não tiveram êxito e um que estava na escola pela primeira vez aos 73 anos.

A entrevistada nº2 estudou até os 17 anos e não passou da 3ª série. Depois teve filhos e deixou de estudar. Agora, aos 30 anos voltou a estudar motivada pelo trabalho. A entrevistada nº3, estudou até os treze anos e também não passou da 3ª série, quando teve filho e abandonou a escola, voltou a escola para ajudar os filhos nas tarefas escolares, como revela as falas abaixo:

– O que me incentivou é que eu tenho que arrumar emprego e pra isso eu tenho que estudar né? Sem estudo a gente não pode arruma emprego, a gente tem que estudar pra alcançar o objetivo que a gente quer né isso? (Entrevistada nº2)

– Eu vejo meus filhos estudando, tendo a oportunidade de estudar e eu quero ensinar mais e não posso, pra ensinar é a banca se eu pagar e eu em casa estudando posso até ajudar a eles. (Entrevistada nº 3)

A entrevistada nº 1 é a pessoa que nunca estudou na escola. Hoje aos 73 anos tem muita vontade de aprender a ler e escrever. Foram as suas condições de

vida e de trabalho, como também a cultura de uma época que lhe impossibilitaram de frequentar a escola em idade própria:

– Eu comecei foi agora “minha fia”, eu comecei agora! Antigamente né, eu tenho 73 anos, fui criada nas cozinhas dos outros, antigamente os patrões não tinha essa preocupação nem os pais também. Meu avô não botou minha mãe na escola diz que pra não aprender a escrever carta para o namorado, veja que ignorância naquele tempo [...]

Naquele tempo era muito atrasado, atrasado, atrasado, ai pronto não tinha esse negócio de botar na escola, agora é que todo mundo tem direito a estudar, tem direito a tudo, de certos tempos pra cá, mas antes pra lá... Mas menina “se aquete”, eu nunca tinha sentado numa carteira de colégio, nunca “minha fia”, acredite (Entrevistada nº 1)

A entrevistada nº 1 revela que tem muita dificuldade em aprender a ler, até pagou a uma menina para dar “aula de banca”, ela se angustia porque seus filhos e netos já sabem ler e ela não está conseguindo.

– Só que eu “minha fia”, não entra na minha cabeça... Agora, um dia desses, a menina tava dizendo... A menina que me ensinava banca, eu tenho até aqui o caderno que ela me ensinava banca, ela diz assim: dona T, Juninho é novo e ele passou foi cinco anos para aprender! [...] Gabriel [neto] sabe ler, Evaldo [filho] sabe ler... Meus netos tudo sabe ler e eu não sei nada.

A motivação para entrar na escola veio do desejo de saber ler e escrever:

- Porque Mônica as pessoas [choro]...Eu passava, via as pessoas lendo e eu ficava com aquilo na minha cabeça, com vontade, aí eu carregava isso na minha cabeça: um dia, com fé em Deus, eu vou aprender, carreguei no capricho [...] Meus filhos estudaram no jardim, João [filho] mesmo taí, hoje é advogado, se formou em Letras, quando ele se formou em Letras eu fui pra Olinda ser parafina dele, que ele mora lá. Estudou muito pra padre, pra franciscano, aí foi quando ele não quis, deixou, se formou em letras, agora depois se formou em advocacia.

Quanto à continuidade dos estudos a entrevistada nº1 diz que só queria aprender a ler:

- Não, não, não dar pra mim não! Por eu não sei, eu tenho medo!

A necessidade dos alunos impõe ao professor responsável pela EJA o dever de preservar essa vontade e esse compromisso. De acordo com Oliveira (1999), o professor deve valorizar a cultura dos educandos e reconhecer os seus conhecimentos. O processo de construção de aprendizagem dos adultos pode começar pelo relato de vida de cada um, a cultura, as dificuldades encontradas.. É necessário também conscientizá-los de seus direitos e deveres e principalmente deixar claro que a educação é um direito, ou seja, também é para quem por um motivo ou outro teve uma curta passagem pela escola, em geral sem sucesso, ou para aqueles que não tiveram oportunidade anteriormente.

A educação deve ser para todos, para além das dificuldades, porém não é assim que ocorre. Quais fatores ocasionam a desistência dessas pessoas da escola em idade própria? É possível interagir de forma diversificada, na tentativa de evitar uma nova exclusão e mostrar que todos são iguais e capazes de aprender? De acordo com os educandos entrevistados, eles assumem a culpa do fracasso escolar ou de não ter aproveitado a oportunidade de estudar quando eram crianças. Eles não se sentem excluídos e nunca se sentiram pelo fato de não ter concluído a aprendizagem em idade própria, consideram que foram os problemas pessoais, a exemplo de filhos, trabalho... Voltam à escola quando o que era problema é resolvido, filhos criados e a possibilidade de conciliar trabalho e escola. A volta à escola faz com que elas se sintam realizadas com o sonho de seguir em frente... No entanto, nem sempre o professor corresponde às necessidades dos estudantes. No momento da entrevista a professora era tida como um exemplo de respeito, incentivo, colaboração, de maneira que todos agradeciam a professora da turma que sempre fazia por onde ajudar e tornar a aula mais prazerosa, instigando o interesse e a interação dos educandos, facilitando assim a aprendizagem.

De acordo com a literatura da EJA o grande desafio é trabalhar as diversas culturas e linguagens existentes. Será que esses educandos evadem por não terem seus conhecimentos valorizados, por não terem professores capazes de lidar com os jovens e adultos sem infantilizá-los, ou mesmo compreenderem que eles são capazes e que o dia a dia de trabalho também promove o seu próprio desenvolvimento?

Segundo os educandos, muitas vezes eles evadem por questões de sustento, são casados, tem filhos, casa e precisam de trabalho e quando chegam não tem muito ânimo para a escola, outros não têm com quem deixar os filhos, a própria família às vezes é contra, não aceita a volta á escola não quer olhar as crianças e o seu responsável por sua vez acaba evadindo. Existe também o problema com o transporte escolar, pois a maioria dos educandos da EJA é de mais e idade e moram muito distante, em interior e o ônibus escolar deixa a desejar, segundo eles aparecem quando quer, se torna muito complicado.

Pelo que me consta nenhum dos educandos que compõe a turma do 1º ciclo do EJA do EMEF Gina Franco pensaram em evadir por achar realmente que é incapaz ou por ter medo de expor seus próprios conhecimentos. Mesmos os mais envergonhados que, mesmo com a ajuda da professora hesitam em participar, não pensam em desistir, pelo contrário, sonham em chegar numa faculdade. Por isso, o grande desafio da educação hoje, está em investir na formação do educador e ficar atento às diferenças econômicas, sociais e raciais, procurando proporcionar maior conforto e segurança possível para o seu educando, destruindo assim o preconceito que é um marco na EJA. Para isso o professor deve estar apto a ajudar e desvendar qualquer dúvida possível que parta do seu aluno, para que eles se sintam capazes de estabelecer relações saudáveis com o conhecimento, com a escola, com a professora com os colegas, para que o interesse pelo estudo e a meta educacional, não seja transformada em motivo para evasão.

Conclusão

O sucesso da EJA exige hoje uma reformulação de escola que contemple a diversidade da aprendizagem com todos os recursos que favoreçam a educação como um dos caminhos para emancipação, para a realização, para a liberdade e para a autonomia do sujeito. A procura de respostas para essa espécie de impossibilidade estrutural de ação universal tem constituído o debate atual sobre a educação, tanto no seu aspecto pedagógico quanto no âmbito político.

É importante destacar com bastante ênfase, que os movimentos de políticas públicas propostas pelos governos no decorrer dos anos, aconteceram, podemos dizer, de forma atroada, não levaram muito a sério e aqueles que realmente precisaram de seus serviços, claro, foi os que mais sofreram com isso. Tantas idas e vindas, tanta indecisão, tantos projetos e planos que visavam o avanço na educação e a erradicação do analfabetismo no Brasil, porém, deixavam a desejar, criavam-se projetos e sem ter, muitas vezes, o tempo necessário para surtir efeito, às vezes nem se quer havia respeito como próprio educando. Existiram sim, alguns programas que defendiam o espírito de cidadania e o desenvolvimento das habilidades dos adultos referenciados numa teoria do conhecimento com base na realidade, no entanto o educador não tinha materiais suficientes para suprir a demanda com metodologias incentivadoras à participação.

A escola precisa mudar o jeito de como olhar a comunidade escolar em se, se tratando da EJA, ampliar seu olhar e ser mais acolhedora, para que assim o aluno interaja mostrando suas escolhas, dando a sua própria opinião, aprendendo a ser mais críticos, a construir estratégias e se decidir em várias situações.

As intermináveis campanhas destinadas à alfabetização, muitas vezes são programas informais que eles não sabem por que existem, para que serve, não têm a orientação devida e, com isso, não conseguem ser alfabetizados nem avançar par os ciclos finais do ensino fundamental. Com isso, percebe-se que o ensino do EJA é pouco valorizado, por falta de informação e esclarecimento, pois alguns educandos afirmam que muitas pessoas têm vontade e sentem a necessidade de voltar à escola por conta até de conquistar melhores trabalhos, numa condição de vida melhor, mas as escolas que trabalham com a EJA hoje em dia, muitas vezes não estão aptas a isso, ou seja, não possuem condições adequadas de trabalho.

O professor deve saber como explorar os conhecimentos já obtidos por seus alunos e usar cada um pedagogicamente de forma que todos possam compreender e se sintam estimulados a aprender sempre mais, permitindo assim que cada um se sinta capaz de chegar na realização de seus sonhos e na concretização do seu futuro.

Muitos jovens e adultos precisam de uma atenção especial, onde se sintam respeitados e valorizados, com isso a escola se torna um espaço onde os cidadãos são privilegiados por estarem em um local onde adquirem conhecimentos e valores que fundamentam, sendo respeitado no exercício da cidadania, e a escola hoje poderia ser uma grande aliada no sentido em que os alunos procuram a instituição para que, de certa forma, possam superar suas dificuldades e desenvolver suas potencialidades, por isso é que a escola deve promover atividades que ajudem os alunos a adquirirem conhecimentos sobre o valor de um cidadão competente e digno de exercer seus direitos e deveres; desvendando histórias que precisam ser contadas, seus valores, as dificuldades que os educandos enfrentam os problemas que precisam ser superados, seus desejos e suas vontades, para que possam instigar o interesse dos educandos, tentando assim diminuir a evasão e possibilitando maior aprendizagem.

O que esse estudo trouxe como entendimento sobre os motivos que levam alunos de EJA da EMEF Gina Franco a não completarem o primeiro ciclo do ensino fundamental em idade própria e retornarem à escola depois de jovens e /ou adultos é que eles precisam de uma escola que entenda que os projetos de alfabetização de adultos só podem ter êxito caso se enfrente os problemas estruturais de seus educandos, é importante que se faça uma análise propondo aos alunos de EJA, teorias e práticas pedagógicas que resgatem sua auto-estima. As experiências relatadas têm uma forte ênfase no processo de vida e de trabalho. Contudo, ainda podemos observar nos dias de hoje a falta de informação e conhecimentos obtidos por esses educandos, muitos deles se sentem envergonhados, ainda acham que escola foi feita para criança ou para quem nunca parou. Não tem conhecimento de seus direitos, principalmente das leis que asseguram a educação como um direito de todos, sabem que a escola é uma das ferramentas mais importantes, fundamental e necessária para o seu processo de desenvolvimento social e cognitivo, no entanto se culpam por não ter tido acesso ou êxito nela. Apesar de saber que o estudo é uma forma de abolir sérios problemas de violência, marginalização e preconceito social, contribuindo para suas formas de

organização e a defesa de seus grupos, acham que lhes falta a capacidade de pertencer a esse universo letrado.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto imagens**. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pensar a Prática: Escritos de viagem e estudos sobre a educação**. São Paulo: Edições Loyola, 1984.

BRASIL. Ministério da Educação. **Salto para o futuro: educação de jovens e adultos**. Brasília, DF: SEED, 1999. 107 p. (Estudos de educação a distancia; 10).

CORREA, Kenneth. **Pesquisa de clima organizacional: manifestação do clima organizacional nas empresas**. Organizacional/manifestacao-do-clima-organizacional-nas-empresas/ >. Disponível em: <http://www.administracaoegestao.com.br/pesquisa-de-clima>. Acesso em 27 fev. 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1987.

_____. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Educação de Jovens e Adultos**. Teoria, prática e proposta. 11.ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2010.

FREITAS, Bárbara. **Diário de uma alfabetizadora**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1994. 224p.

FUCK, Irene Terezinha. **Alfabetização de adultos: relato de uma experiência construtivista**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. 102 p. ISBN 8532610358.

GADOTTI, Moacir e ROMÃO, José E. (Orgs). **GUIA DA ESCOLA CIDADÃ**, Instituto Paulo Freire. Educação de Jovens e Adultos. Teoria, prática e proposta. 11.ed. Rio de Janeiro , 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

HORIGUTI, Angela Curcio e MENEGOTTO, Daniela Brun. Do MOBRL ao PROEJA: conhecendo e compreendendo as propostas pedagógicas. Programa de Pós-Graduação Especialização em Integração da Educação Profissional à Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bento Gonçalves, 2009.

LIMA, Laura de Oliveira. **Conflitos no lar e na escola:** Teoria e Prática da dinâmica de grupo segundo Piaget. Zahar editores. Rio de Janeiro, 1978.

LUDKE, Menga. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas/ Menga Ludke, Marli E.D.A. André.- São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino)

MONTARROYOS, Joseide Gomes. Educação de adultos como doutrinação. Recife: Univ. UFPE, 1982. 143p.

NOVOS caminhos em educação de jovens e adultos - EJA: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo, SP: Global: FAPESP, 2007. 254 p. ISBN 9788526012486.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; PAIVA, Jane (Org.). Educação de jovens e adultos. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. 158 p. (O sentido da escola) ISBN 8574902748.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Jovens e Adultos como Sujeitos de conhecimento e aprendizagem. Revista Brasileira de Educação. Trabalho apresentado na xx^a Reunião Anual da ANPEd, Caxambu, setembro de 1999.

PAIVA, Vanilda Pereira. Educação popular e educação de adultos: contribuição a história da educação brasileira. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1983. 368p. (Temas brasileiros)

PIERRO, Maria Clara di. JOIA, Orlando. RIBEIRO, Vera Masagão. Visões da educação de jovens e adultos no Brasil. Cadernos Cedes, anoxxr, nº55, novembro/2001

PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de adultos. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 120 p. ISBN 9788524915703

REVISTA HISTEDBR On-line, Campinas, n.38, p. 49-59, jun.2010 - ISSN: 1676-2584. Breve história sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

RIBEIRO, Vera Masagão. Alfabetismo funcional: Referências conceituais e Metodológicas para a pesquisa. Educação & Sociedade, ano XVIII, nº 60, dezembro/97

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Educação de jovens e adultos: histórias e memórias da década de 60. Brasília: Plano, 2003. 200 p ISBN 8585946679.

UBIRAJARA, Eduardo. Guia de orientação para trabalhos de conclusão de curso: Relatórios, artigos e monografias. Sergipe: 2011. (Caderno).

<http://www.ibge.gov.br>. Acessado no dia 28 de maio de 2013.

APÊNDICE